

JOÃO BÉNARD DA COSTA



Emmanuel
Mounier

CÍRCULO DO HUMANISMO CRISTÃO
LIVRARIA MORAIS EDITORA

Shi

Emmanuel Mounier

textos escolhidos, traduzidos e apresentados

por

JOÃO BÉNARD DA COSTA

CÍRCULO DO HUMANISMO CRISTÃO
LIVRARIA MORAIS EDITORA
RUA DA ASSUNÇÃO, 49-51
LISBOA 1960

5101
29372

SÃO NUMERADOS OS EXEMPLARES
DESTINADOS AOS ASSINANTES
DO CÍRCULO DO HUMANISMO CRISTÃO



INTRODUÇÃO

PRESENÇA DE EMMANUEL MOUNIER (1)

São já alguns em este nosso tempo português aqueles que reaprenderam a pensar com Emmanuel Mounier para que possa passar silenciosamente o recente décimo aniversário da sua morte.

Para nós, gerações de após os anos trinta — satélites do pensamento francês à mingua do que de outro pudéssemos ser — vários foram aqueles de quem esperámos o cumprimento de uma missão educativa (tomado este termo em seu sentido etimológico) que de outro ponto nos não vinha. Não foi uma só a via, não foi um só o caminho, mas no mesmo combate silenciosamente persistente, uns e outros soubemos do significado de um Malraux, de um Camus, de um Sartre, de um Aragon, de um Maritain, de um Mounier. Quando hoje — em nossos mornos dias — as mesmas vozes se calam,

(1) As linhas que se vão ler baixo este título, foram escritas a quando do décimo aniversário, em Março de 1960, da morte de Emmanuel Mounier, e destinavam-se a ser publicadas num nosso jornal diário. Não o puderam ser, mas o seu autor considera-as válida introdução à obra e à aventura de Mounier e por isso as apresenta agora no início de um estudo que à sua compreensão é dedicado.

anquilosam ou empalidecem, quando até os mesmos ecos que outrora nos falaram da fraternidade e da esperança da epopeia espanhola se emprestam hoje aos ocios lugares comuns da *Grandeur de la France*, é grato permanecer em Mounier firmes das mesmas difíceis certezas, seguros da fidelidade a rotas sempre seguidas, convictos de trilhar caminhos não negados nem esquecidos, antes — e à medida que os anos passam — mais serena e certamente presentes e assumidos. Por isso é hoje e ainda ao seu redor que se juntam os que um renovado sentido da *praxis* impele para as puras e integrais aventuras.

Se quisermos caracterizar, em seus traços dominantes, a vocação de Mounier, parece-nos que nada de melhor podemos encontrar do que a estreita vinculação do seu pensamento à realidade histórica em que se inseria, seu concreto assumir do mundo e do homem de cada dia, seu sempre renovado e pleno *compromisso*. Sabemos que Mounier radicou tal *compromisso* na exigência da sua fé de cristão, na renovada compreensão do que, partindo de onde partia, significa o Mistério da Encarnação. Toda a sua obra e toda a sua acção têm de ser vistas a essa luz, nunca separáveis, pois, pela abstracção de esquemas ideais, sequer na especulação mais ou menos puramente filosófica, mas sempre na intencionalidade que quis ter, no acto em que se quis radicar, na presença incessante e total no concreto mundo das nossas opções.

Desde o primeiro momento, ou seja desde o momento em que o seu caminho se definiu e Mounier decide fundar o *Esprit*, em 1932, que existe a consciência de que todo o homem parte de uma situação fáctica, de que a pessoa não é independente do tempo e do lugar em que se encontra, suas opções sendo pois resultantes dessa mesma situação, exigidas em e por ela própria. Nunca assumindo um sentido estático, é sempre e tão embora situação de que se parte, provocação para

a acção. Neste sentido podemos afirmar que da situação em que nos encontramos dependem nossas opções, opções que exigem da pessoa o saber do que lhe é pedido, a exacta compreensão de um momento histórico e de um momento existencial.

O momento histórico de Mounier, o mundo de 1932, era, segundo suas próprias palavras, o mundo da *desordem estabelecida*, toda a acção pressupondo pois uma luta violenta e sem tréguas, uma luta *revolucionária*. *Como podemos nós não estar em revolução permanente contra a tirania da nossa época?* (1), escrevia no manifesto que precedeu o aparecimento da revista, e era a própria palavra — revolução — que o opunha a Mauriac e a Garric ao tempo das primeiras polémicas. Face à ironia do primeiro (*jovens burgueses que só sabem falar de revolução*), ou ao cepticismo desagradado do segundo (*se a revolução se não fizer, que terão eles feito na vida?*), Mounier responde com as certezas de uma juventude que se afirma: *Quando, há cerca de um ano, adoptámos esta palavra (revolução), fizemo-lo contra nossas resistências e, para sempre, contra nossa tranquilidade. Nenhuma moda, nenhum impulso a ela nos levou (...)* Foi gravemente que a escolhemos.. *Comprometemos nossas vidas, nossa alma, não por causa deste termo — de que depressa nos desfaremos desde que nos dêem outro que não seja retórica ou evasão — mas pelo calor humano que contém (...)* Se, apesar de tudo, ele nos dá razão, é pela longa estadia que tem feito nas paragens onde ainda conhecem a opressão instintos primários de justiça, digamo-lo para Mauriac, nas paragens onde, quotidianamente, a cruz está presente na carne de homens vivos (2).

(1) Prospecto anunciando a publicação do *Esprit*, in *Mounier et sa génération*, Ed. du Seuil, Paris, 1956, pgs. 82.

(2) *Cerititude de notre jeunesse*, in *Les Cerititudes Difficiles*, Ed. du Seuil, Paris 1951, pgs. 9-17. A integral tradução deste texto constitui o apêndice I ao cap. III deste livro.

Eis-nos, pois, nos antípodas da revolução lugar comum, tão duramente fustigada por Simone Weil, eis-nos onde a revolução reclamada é agora *nossa profunda exigência espiritual* ⁽¹⁾, lógica sequência de um conceito da *praxis* que, se absoluto, (*a única prova de um homem são os seus actos*) ⁽²⁾, vai reclamar desde a primeira hora o primado do espírito, compreendido e assente numa tensão espiritual que implica uma contrapartida teórica tão fora do espiritualismo blonderiano como do materialismo marxista. É a única via que me pode entregar ao mundo e aos homens, lugar e enquadramento da assunção (o termo é de Mounier) que me personaliza.

A medida que os acontecimentos (*nossos mestres interiores*) irão surgindo — a guerra de Espanha, a guerra mundial, os conflitos ideológicos do após-guerra — permanece esta fidelidade revolucionária, esta recusa em aceitar cómodos e expectantes lugares, esta assumida vontade de inquietar e dividir, cuidadosamente evitando todo o dogmatismo, toda a rigidez, na procura incessante de diálogo, sobretudo com aqueles que representavam as mais puras e vivas forças deste nosso mundo de hoje.

Ao longo dos dezoito anos que decorrem da fundação da revista à sua morte, Mounier permanece em seu testemunho, e essa fidelidade é o mais impressionante traço da sua actividade. *A existência é acção, e a existência mais perfeita acção mais perfeita*, dir-nos-á no seu último livro ⁽³⁾, e uma tal insistência, com tudo o que envolve e pressupõe, não pode deixar de conduzir às mais penosas incompreensões, às mais

(1) Art. cit., op. cit., p. 17.

(2) *Traité du Caractère*, Col. Esprit, Ed. du Seuil, Paris, 1946, pgs. 406.

(3) *O Personalismo*, trad. port. Livraria Moraes Editora, col. «O Tempo e o Modo», Lisboa, 1960, pg. 145.

dolorosas rupturas. Sucessivamente é preciso abandonar as calmas planuras da filosofia universitária e cortar as amarras, desfazendo equívocos que séculos de cristandade morta tinham podido alimentar. Era preciso, por um lado, abandonar todas as posições que se limitassem a passivas objectividades, a encarar problemas como peças de anatomia, por outro, *dar a prova de que se pode ser católico integralmente e sinceramente revolucionário* (1). As duas rupturas implicam os mesmos amargos conflitos. É, pois, na polémica que se vai realisar um dos mais importantes aspectos do Mounier educador de que nos fala Jean Lacroix (2), porquanto aí e sempre se mantém aquele que apela à resposta e à responsabilidade, aquele que pergunta sem desviar a questão, aquele que enfrenta plena e assumidamente.

Nos últimos anos, essa presença polémica iria levá-lo a construtivos combates em cada um dos acontecimentos que nos dividiram, desde o processo de Praga ao processo Mindszenty, desde as primeiras ambíguas posições de Malraux, às outras incertezas ou duplicidades de cada um dos que tinham tomado consigo *a esperança dos desesperados*. Nos incertos e agitados anos do após-guerra, Mounier e *Esprit* — identificação agora mais do que nunca possível — seriam realmente *sinais de contradição*, e muitos foram os que encontraram nessa sempre renovada fé nos homens e nas suas possibilidades, no seu *optimismo trágico*, a força necessária a novas arrancadas e novas crenças.

O caminho de Emmanuel Mounier passou pelos outros antes de ser dele próprio. A sua revolução foi personalista e foi comunitária. Foi o sentido da comunhão e da comunida-

(1) *Mounier et sa génération*, excerto do diário, pg. 103.

(2) Jean Lacroix. *Mounier éducateur*, *Esprit*, Dez. de 1950, pgs. 839-851.

de, o sentido de nossa muito íntima e profunda solidariedade e interdependência, que o levou a comprometer-se na senda de uma revolução, que se perfez em rupturas e adesões. São ainda estas palavras as que encontramos na sua última editorial no *Esprit*, sob o título de *Fidelidade: Mais do que nunca, é preciso retomar a revolta dos nossos vinte anos, as rupturas dos vinte e cinco. Só renegando o seu nome pode o cristão abandonar o pobre, o socialista, o proletário. As repartições especializadas no registo de tais perjúrios não terão o gosto de aí inscrever o nosso nome* (1). Publicadas estas linhas em Fevereiro de 1950, Mounier descansava dos combates e, verdadeiramente, começava a viver a vinte e dois de Março de 1950.

Em nossas hesitações, desvios ou cobardias, a certeza dessa vida e desse combate dá-nos forças para tentar caminhos idênticos. Caminhos desta luta amarga mas em esperança, aparentemente inútil mas certa da única lucidez que não é vã, que conta o número de vitórias pelo de derrotas, e cujo ignoto sentido, lato sentido da História que o é de todos nós, se identifica também com o menor de nossos actos, se cumpre em nossa mais silenciosa afirmação, ou em nosso mais brando testemunho. Por vezes a acção mais sucedida, por vezes uma simples assinatura em pobre e mal acolhida carta. E uma fecundidade que nos não cabe julgar.

(1) *Les Certitudes Difficiles*, pg. 28.

CAPÍTULO I

UMA VIDA DE HOMEM

Bonum certamen certavi, cursum consummavi, fidem servavi.

II Tim. 4, 7.

Se — como na introdução frisámos — o pensamento de Emmanuel Mounier está indelévelmente marcado pelo tempo e pela situação fáctica em que a sua existência se inseriu, tornava-se caminho obrigatório ao que nos propomos uma breve meditação sobre essa existência e essa situação.

Nascido em 1905, Mounier viria a despertar para a filosofia no fim dos anos 20, num período bem vincado da história do pensamento francês. A reacção contra o espírito positivista que imperara anteriormente à guerra era então a ordem do dia, justificativa, quer das mais válidas especulações, quer dos mais gratuitos cabotinismos. As chamadas questões metafísicas voltavam a servir, por um lado, de pretexto a conferências e volumes apaixonadamente comentados, mesmo ao nível do que tão só se considera o público culto, por outro, ajudavam a sulcar os caminhos por onde uma geração se procurava com intensidade diferente, buscando no ardor das controvérsias e nos mais ou menos calorosos debates sobre os fins da «verdadeira filosofia», algo que estivesse mais próximo dos reais problemas e da real inquietação que começavam a ser constantes do que seguimos chamando este nosso mundo de hoje.

Foi com Jacques Chevalier, autorizado representante de uma tal mentalidade, que Mounier, concluído o curso geral, estudou durante três anos na sua cidade natal de Grenoble, e foi essa a primeira grande influência que se fez sentir no seu modo de pensar. Nada melhor do que algumas palavras do próprio Chevalier, escritas muitos anos após, nos poderão dar a ideia daquilo que o autor do *Bergson* procurou incutir naquele que considerou o mais brilhante de todos os seus discípulos.

Equipei-o o melhor que pude para essa acção que ele tanto desejava, preparando-o, como a todos os meus discípulos—mas muito especialmente a ele, «meu aluno preferido» como ainda recentemente mo dizia seu pai—com um duplo e único viático:

1) *Primeiro, principios firmes, inquebrantáveis, e uma desde o inicio muito precisa orientação, para um fim ainda mais espiritual do que intelectual, um fim em que se possa crer e que se ame com todo o coração.*

2) *Como instrumentos intelectuais não lhe entreguei fórmulas, conceitos, palavras, nem mesmo aqueles que exprimiam a minha maneira pessoal de ver e traduzir a verdade: era ele que os devia preparar. O verdadeiro discípulo, dizia-lhe muitas vezes, não é o que repete fórmulas, mas o que propaga um movimento que recebeu. Esforcei-me por lhe ensinar a manejar um método seguro, rigoroso, submetido ao objecto, sobre ele modelado, afastando todo o artifício, construído para captar o real de mais perto, para definir exactamente os termos, ver onde reside a questão, colocá-la precisamente, examinar a tese contrária para discernir o verdadeiro do falso*

e depois abrir completamente o caminho para a verdade, nosso único fim⁽¹⁾.

Mas, mais ainda do que o próprio Chevalier, a grande presença desses três anos fecundos mas demasiado lisos⁽²⁾, foi Henri Bergson, objecto, como para tantos outros desses anos 20, dum autêntico culto⁽³⁾. Leituras de Descartes e Pascal, Platão evidentemente, um pouco de quase todos os grandes pensadores, e um tipo de formação exactamente definido no que atrás transcrevemos de Chevalier ia-se processando.

Findos os três anos (1924-1927), e obtido com alta classificação um diploma de estudos superiores de Filosofia com uma tese sobre *O conflito do antropocentrismo e do teocentrismo na filosofia de Descartes*, Mounier vem para a Sorbonne, onde o espera um bem diverso ambiente. Em Paris pontificavam então, além de Bergson, aqueles que era costume designar como os outros grandes B da filosofia francesa: Brunschvicg, Blondel e Boutroux, e o próprio termo assumia sentidos mais largos e diferentes dos que Mounier pudera a princípio imaginar.

O choque foi demasiado violento e demasiado inesperado para passar sem duradouras repercussões. Por um lado, era o problema da sua vocação que se voltava a pôr, e agora em termos muito diferentes; por outro, uma aprendizagem da

(1) Citado por Albert Béguin no número especial de *Esprit*, de Dezembro de 1950, dedicado a Mounier, pg. 944.

(2) Carta a Jacques Lefrancq in *Mounier et sa génération*, Ed. du Seuil, Paris, 1957, pg. 16 (25 de Agosto de 1933).

(3) Já em Paris, Mounier ainda escreve a sua irmã, Madeleine, para lhe dizer: Não deixei de passar diante do 32 duma ruazinha modesta. No meio de todo esse luxo, uma pequena casa de um andar com cortinas de tule amarelo. Por detrás: Henri Bergson (*Mounier et sa génération*, pg. 31 — Carta de 15 de Maio de 1928).

solidão que a morte de Georges Barthélemy, seu amigo de todos esses anos, o único que foi até ao fundo de mim próprio e a quem abri certos santuários⁽¹⁾, mais duramente ia revelar. E em 25 de Maio de 1928, Mounier escreve a Jacques Chevalier a carta que permite a exacta compreensão do que para ele representou esse primeiro contacto com Paris.

...Esperava apenas que já tivesse voltado para lhe dar notícias da minha campanha sorbonnense. Agora estou convencido de que pode ter confiança em mim. Penso que estou para sempre impermeabilizado contra o veneno da Sorbonne. Não chega a molhar, como diria Péguy. É subtil, mas é mais perigoso para aqueles que nunca foram suficientemente atingidos pela vida, ou que nunca se souberam entregar-lhe suficientemente e só pensaram no seu desenvolvimento intelectual (mais preciso: universitário). Sou manifestamente incapaz da atitude objectiva de todos esses que se colocam diante de um problema como diante de uma peça de anatomia, e diante da sua carreira como diante de um mecanismo, que fosse preciso montar, metódicamente, até um certo ponto. Aliás, resta saber se não é um abuso de linguagem chamar objectividade a essa mutilação e a essa miopia. É exactamente isso que a Sorbonne alimenta, e pude aproximar-me o suficiente para perceber que, quando se olha de dentro, se não dá por isso, se não vê a estreiteza de tudo isso, e que, até, qual-quer outra atitude parece ridícula.

Quando tive essa experiência, em Janeiro, toda essa gente e os seus métodos me desagradaram e ter-me-ia, por velocidade adquirida, afastado da filosofia, se não o houvesse a si, e ao meu passado e à verdadeira filosofia que não tem quais-

⁽¹⁾ Em carta a sua irmã, de 8 de Janeiro de 1928. *Mounier et sa Génération*, pg. 27.

quer responsabilidades em tudo isto. Foi com isso que fiquei contente. Nem por sombras me sinto perto de coisas mórbidas. Mas uma excessiva saúde intelectual, uma excessiva facilidade em todos os campos, são hoje um grande obstáculo ao equilíbrio entre o meu pensamento e a minha vida. Alegro-me por ter nascido numa família modesta. Alegro-me por ter tido uma carreira com oscilações. E sem querer fazer frases, agradeço a Deus ter sofrido na devida altura, quando, depois dessa longa crise interior do P. C. N.,⁽¹⁾ tive consigo três anos de convalescença e de uma muito calma felicidade: penso que nada como o sofrimento nos pode reconciliar com as coisas e com a própria vida.

Parece-me que isto é uma verdade da experiência cristã, e a mais difícil de compreender para quem está de fora. O dia da morte do meu amigo pôs ponto final à minha juventude e trouxe para o primeiro plano dos meus pensamentos todo esse drama de uma vida que suportava o drama de uma família, o de uma geração e o de uma humanidade. Essas horas, essas semanas enriqueceram-me de tal maneira, que, apesar do horror de todo o resto, por nada deste mundo as queria ter deixado de viver. E, exactamente, creio que o que mais falta a esses espíritos instalados dos mestres é o sacrifício consentido e a marca dum sacrifício arrancado. A própria noção, a noção concreta da miséria humana (ou da sua verdadeira grandeza), só a conhecem dos hospitais, do seu lugar numa comissão de higiene...⁽²⁾

(1) A crise a que Mounier se refere está relacionada com a sua entrada para medicina. Os seus pais manifestam preferência por esse curso e Mounier chegou a entrar para os preparatórios. Esse ano foi o de uma longa crise interior e o de um desespero quase total. Até que, por alturas do primeiro retiro fechado da sua vida, Mounier se decidiu a abandonar uma carreira que se não coadunava com a sua vocação e iniciou os seus estudos de filosofia.

(2) Mounier et sa génération, pg. 32.

É assim uma contrapartida humana que a sua aprendizagem de filosofia começa a exigir. Horror a tudo o que é abstracto, a tudo o que se não reflecte de qualquer modo numa experiência concreta, necessidade imperiosa de saltar para fora desses quadros. A crise, atingindo o seu ponto mais agudo com a morte de G. Barthélemy, sentida como um *drama metafísico* ⁽¹⁾ abre-o já para valores muitos outros.

Obtido o segundo lugar na *Agrégation*, começa a preparar uma tese de doutoramento à roda dos anos 20, que iriam ser decisivos para a sua opção fundamental. É então que Péguy intervém, para *cristalizar toda a parte extra-universitária da minha vida, e, além disso, transformar a universitária* ⁽²⁾. Com o filho do poeta da *Ève*, Marcel Péguy, e com Georges Izard, começa a preparar um volume intitulado *La pensée de Charles Péguy*, e esse contacto, e essa obra, que seria a primeira, transformam o curso da sua existência. *Sem Péguy*, escreveu Albert Béguin, *seria difícil compreender a brusca passagem de Mounier, em 1931-32, da filosofia como apostolado, ao compromisso no temporal... Péguy autorizou interiormente Mounier a tornar-se no que ele tinha que ser* ⁽³⁾. E, na sua última obra, ainda Mounier escreve: *Péguy fez brotar do seu lirismo todos os temas que temos vindo a abordar* ⁽⁴⁾. Com Péguy, Pascal (*quanto mais se vive, mais se vive perto de Pascal*) ⁽⁵⁾, decisivas influências na cada vez mais viva exigência de uma acção, de uma presença, nas gritantes contradições do seu tempo.

(1) *Ibid.* p. 37 (Carta a René Barbe, 6 de Nov. de 1928).

(2) *Ibid.* p. 49 (Carta a Jérôme Martinaggi, 1 de Abril de 1941).

(3) *Esprit*, Dezembro de 1950, p. 964.

(4) *O Personalismo*, p. 31.

(5) *Mounier et sa Génération*, p. 28 (Carta a sua irmã de 12 de Janeiro de 1928).

Estes anos, até 1932, passa-os Mounier numa actividade febril. É, por um lado, a publicação da obra já referida, que o leva a visitar em Orléans a mãe de Péguy e que é publicada pela *Plon* em 1931; por outro, a preparação de uma tese sobre os místicos espanhóis, e uma longa viagem por Espanha à procura de documentação sobre Juan de los Angeles, que Chevalier lhe recomendara. Para além disto, está presente em quase todas as discussões filosóficas e teológicas, sofre também a influência do *outro Jacques*, Maritain, e escreve sobre uma tese a que se não resolvia: *Vou-a deixando amadurecer, porque, a meus olhos, uma tese é muito mais uma obra humana do que uma obra intelectual* (1). Essa interior tensão, essa fecunda presença intelectual ia finalmente resolver-se quando surge a ideia de uma revista. *A 7 de Dezembro (de 1930), quando iam da Rua Saint-Placide para o Palais Royal, falávamos, Georges Izard e eu, da Revista de que tanto precisávamos. «E porque é que não a fazemos nós?».* Estávamos na *Rua de Valois* (2). Nos meados de 1932, *Esprit* aparece pela primeira vez em França.

Cabe talvez determo-nos aqui para *encontrar*, pela primeira vez, Mounier realizado. Como teremos ocasião de repetidamente acentuar ao longo das páginas que seguem, a exigência de acção em Mounier antes é o ponto de partida para uma meditação, do que esta o ponto de partida para aquela. É essa a sua fraqueza, mas — e muito mais — é essa a sua grandeza. Qualquer pensamento filosófico de pendor sistematizante ou doutrinário havia de sempre lhe permanecer estra-

(1) Carta a Jeronime Martinaggi, in *Mounier et sa Génération*, p. 40 (1 de Fev. de 1929).

(2) Excerto do diário, à margem dum resumo duma conversa com Berdiaeff, in *Mounier et sa Génération*, p. 70.

nho ou falho. Quando aparece, e mais sobretudo em suas primeiras obras, é o mais contestável e o mais caduco da sua presença. Esta — para o ser — exigia uma acção e um diálogo. Os fundamentos filosóficos — se a expressão pode ser usada — vêm depois e deles arrancam. É por isso que a sua vocação se descobre no momento da revista, momento de diálogo, é por isso que a sua opção terá de ser com Kierkegaard a verdadeira opção concreta, aquela em que no momento em que escolho sair do mundo, escolho penetrar no mundo⁽¹⁾. Por isso nunca se poderia realizar no que ainda Kierkegaard chama o espírito universitário, nem numa acção que o não exigisse integralmente e não assumisse toda a sua capacidade intelectual. As suas magníficas páginas sobre o compromisso na *Introdução aos existencialismos*⁽²⁾, ir-nos-iam trazer, anos após, o acento desta opção. Por isso mesmo, é-nos impossível separar a sua obra filosófica — no sentido restrito da palavra — da sua obra no *Esprit*, da própria ideia da revista fundada para refazer o Renascimento e lutar contra a desordem estabelecida. A sua grande força — escreveu Ricoeur — vem de ter sabido, em 1932, ligar desde o início o seu modo de filosofar à tomada de consciência de uma crise da civilização e de ter tido a coragem de apontar, por sobre todas as filosofias de escola, para a totalidade de uma nova civilização⁽³⁾. É nesse sentido, e só nesse, que podemos correctamente compreender a tentativa de Mounier e alcançar os problemas éticos e da praxis que semelhante atitude implica; numa pa-

(1) Søren Kierkegaard, «Ou bien ...ou bien», trad. franc. Gallimard, 1943, p. 531.

(2) *Introducción a los Existencialismos*, trad. espanhola, Revista de Occidente, Madrid, 1949, p. 88-96.

(3) Paul Ricoeur, *Une philosophie personaliste*, in *Esprit*, Dezembro de 1950, p. 861.

lavra, que podemos saber do *peso* e da *dimensão* do seu personalismo.

Vale a pena seguir o manifesto que acompanha o lançamento da revista, mas antes recordemos, muito sumariamente, as condições da França e da Europa nesse momento. Depois da crise que se seguira à guerra e da perturbação lançada pelo conflito, a Europa começava no princípio dos anos 20 a recuperar o seu antigo estilo de vida. As revoluções russa e italiana não chegaram a abalar um conjunto que voltava a acreditar no *fim das guerras*. A Sociedade das Nações, os discursos do Presidente Wilson, mais tarde o fim das agitações sociais na Alemanha e na Europa Central, ou a subida ao poder de Poincaré em França, seguida do restabelecimento do franco, foram outros tantos marcos dessa recuperação, do regresso ou, melhor até, do reforço da ordem burguesa que imperara nos fins do século XIX e nos princípios do actual. Era ainda fácil e era ainda possível um certo desprezo e uma ironia confiante em relação às mais negras profecias e a todo o calor humano e revolucionário de figuras como Léon Blum, Griamsci ou Rosa Luxemburgo. Foi este pacífico e pacificante mundo que a crise de Wall Street, de 1929, veio surpreender, desencadeando, um pouco por toda a parte, as mais aterradoras perspectivas. Anos depois, Hitler obtém clamorosa vitória nas eleições alemãs, a guerra recomeçava com a agressão do Japão à Manchúria, e esboçavam-se as primeiras crises dos impérios coloniais modernos. Agora e de novo a desordem se espalha, volta-se a falar de guerras, de crises, de lutas de partidos, e a falência das democracias clássicas desenha-se com imprevisível nitidez.

É a este mundo e aos homens ainda alheados, porventura um pouco surpreendidos e razoavelmente confusos, que Mounier dirige a sua mensagem e fala de *revolução personalista e comunitária*, sacrificando, ou melhor, transfigurando a sua

carreira universitária na sua vocação de homem da *praxis*. Dirige-se-lhes com o vigor e a força que serão sempre as mais importantes características da sua personalidade, dirige-se-lhes na sua missão de educador, profeta e polemista, segundo a sugestiva expressão de Jean Lacroix.

Vejamos assim e agora, através de algumas passagens, o que foi o tom do manifesto que anunciava *Esprit*.

Como é que se pode não estar em permanente revolução contra as tiranias desta época? Nela detestamos: uma ciência que se desliga da sabedoria, se perde em preocupações utilitárias; uma filosofia envergonhada, desconhecendo o seu papel e os problemas que nos importam, mendigando à ciência uma verdade que, de antemão, proclama relativa, e unicamente capaz de demonstrar que a ciência a não pode atingir; sociedades que se governam e funcionam como casas comerciais; economias que se esgotam para adaptar o homem à máquina e só utilizam o esforço humano na procura de lucros; vidas particulares invadidas pelos apetites, desenraizadas, conduzidas a todas as formas de homicídio ou suicídio; uma literatura separada da nossa natureza pelas complicações e pelos artificios e que escorraça por um século que devia inspirar; a indiferença, mesmo a nosso lado, daqueles que têm responsabilidades e as rebaixam, as desprezam ou as desbaratam. Não há nenhuma forma de pensamento ou de actividade que não esteja sujeita a um materialismo próprio. Por toda a parte o homem é obrigado a aceitar sistemas e instituições que o esquecem: se se curva, destroi-se. Queremos salvá-lo dando-lhe a consciência do que é. A nossa tarefa central é encontrar a verdadeira noção de homem. Estamos de acordo para a basear na supremacia dos valores espirituais. O nosso primeiro olhar será o do homem, um olhar de amor. Nada há de mais contrário à complacência como ao pessimismo rígido.

É tempo de libertar o heroísmo da amargura e a alegria da mediocridade.

É a esta luz que procuraremos por todo o universo os que nos estão próximos. Porque somos fiéis ao permanente destino do espírito, e não estamos ligados a nenhuma das manifestações temporais que dele se reclamam para seu próprio proveito. E é assim que, livres para uma absoluta franqueza frente à realidade, apoiando em todo o mundo as suas imprevisíveis invenções, e os seus eternos destinos, começamos uma obra para um mundo novo.

Alguns de nós têm uma fé religiosa. Inserem as nossas convicções comuns numa visão do universo que as transfigura sem as destruir. É sem restrições que a proclamam. Pensam que a sua fé não autoriza a abstenção, mas, pelo contrário, lhes impõe deveres especiais quanto à organização das coisas terrenas; mas entendem também não a vincular a nenhuma das soluções provisórias que possam vir a atingir.

Vida social — A nossa hostilidade é tão viva em relação ao capitalismo, à sua prática actual e à doutrina que dele decorre, como em relação ao marxismo e ao bolchevismo. O capitalismo reduz, quer pela miséria, quer pelo conforto, uma multidão cada vez maior a um estado de servidão incompatível com a dignidade do homem; orienta todas as classes e toda a personalidade para a posse do dinheiro, único desejo que alimenta o mundo moderno. O marxismo é um filho rebelde do capitalismo, do qual recebeu a fé na matéria. Revoltado contra uma sociedade má, tem certos aspectos justos, mas que cessam logo que triunfa. Quanto ao bolchevismo, é o único dos empreendimentos do mundo moderno que atinge uma amplitude doutrinária e um heroísmo que é digno de ser tomado em conta. Mas estabelece essa grandeza sobre uma simplificação dos dados humanos, num reino e com meios que relevam unicamente da tirania da matéria.

Cabe-nos descobrir o que é uma sociedade atenta aos seus interesses temporais, mas subordinando estes à vontade de assegurar a evolução do homem (...) (1).

Para lá dum certo simplismo, ou até primitivismo, nas soluções ou nas causas, o que permanece deste texto é o *largo gesto* revolucionário, a adesão sem reticências, o compromisso integral. Meses depois, no primeiro editorial da revista, o célebre *Refazer o Renascimento*, Mounier afirma: *O homem concreto é o homem que se dá. Não estou presente a mim próprio se não me dou ao mundo* (2). Os ecos são os mesmos, e uma vida, *a mais inquieta e a mais perigosa das vidas* (3), afirma-se segura e firmemente.

Desde então *Esprit* irá juntar uma equipa de notáveis colaboradores, onde encontramos nomes de tendências tão diversas como Maritain, Jacques Madaule, Maxime Chastaing, Pierre-Henri Simon, Jean Wahl, Ramuz, Berdiaeff, ou artistas como Lurçat, Bazaine ou Gromaire. O enorme sucesso dos primeiros números não deixará, no entanto, de ter contrapartida, por vezes dos mais dolorosos aspectos. As características insólitas desta revista, que pelo grande número de católicos que incluía muitos pensavam quase intuitivamente *bien pensante*, — embora Mounier, pelo contrário, escrevesse: *daremos a prova de que se pode ser, ao mesmo tempo, integralmente católico e sinceramente revolucionário* (4); a união com forças e personalidades conhecidas pelas suas tendências de esquerda, e sobretudo o grande movimento político

(1) *Mounier et sa Génération*, p. 82-83.

(2) *Revolution Personnaliste et Communiste*, Aubier, Ed. Mouton, Paris, 1935, p. 49.

(3) A expressão é de Nietzsche e serve de título a um dos capítulos de *L'Affrontement Chrétien*, Cahiers du Rhône, Ed. de la Baconnière, Neuchâtel, 1944.

(4) *Mounier et sa génération*, pg. 103 (Do diário de 5 de Nov. de 1932).

a que *Esprit* dá origem com a designação de *Troisième Force*, e que, dirigido pelo mais próximo colaborador de Mounier, Georges Izard, obtinha resultados impressionantes, desencadeiam uma tempestade de protestos e fazem surgir à volta da revista um clima apaixonado, propício às mais violentas diatribes e às mais penosas dessolidarizações. As primeiras rupturas vieram: de seu antigo mestre Chevalier⁽¹⁾, que o acusava de desorientação filosófica; de Maritain, segundo o qual Mounier daria demasiado crédito ao pensamento moderno em prejuízo de um aprofundamento do tomismo; ou através dos violentos artigos de Mauriac e Garric, denunciando os *jeunes bourgeois que só sabem falar de revolução*. Mas o caminho de Mounier está encontrado e é com as *certezas da nossa juventude* que responde àqueles últimos num artigo que constitui, pela firmeza e dignidade de que se reveste, um dos mais eloquentes testemunhos do Mounier polemista⁽²⁾. Neste texto surge já outra das constantes do seu pensamento, o valor dado ao testemunho, a ideia de que *não se perde a vida dos que souberam dar largo testemunho*⁽³⁾. Um pouco mais tarde, quando de outra e mais dolorosa crise, a separação do *Esprit* e da *Troisième Force*, de Mounier e de Izard, escreve: *Toda a sua obra está virada para o sucesso, a nossa para o testemunho. É muito diferente*⁽⁴⁾.

(1) Desde aí não mais deixou de se acentuar a separação de pontos de vista entre Mounier e Chevalier, que havia de conduzir à ruptura total, por ocasião da Guerra de Espanha. Mounier rompeu esse silêncio para escrever, em Março de 1946, quando Chevalier foi julgado como colaboracionista, uma das suas mais belas cartas (*Mounier et sa génération* p. 392-393).

(2) *Certitude de notre Jeunesse* in *Les Certitudes Difficiles*, Col. *Esprit*, Ed. du Seuil, Paris, 1951, p. 9-17. Ver a tradução integral deste texto no Apêndice I ao Cap. III.

(3) Art. cit., op. cit., p. 17. Ver Apêndice I ao Cap. III.

(4) *Mounier et sa génération*, p. 127 (Carta a Paulette Leclercq de 7 de Junho de 1933).

II

Esta última ruptura vai ser o ponto de partida para uma nova etapa, a que Mounier denominou a *deuxième époque* do *Esprit*, o período do compromisso, por oposição ao período mais doutrinário do começo. Esses vão ser os tão agitados anos que decorrem desde Novembro de 1934 (data da cisão) até à guerra ⁽¹⁾, anos em que, por um lado, *Esprit* se vai precisando e acompanhando, *comprometidamente*, os acontecimentos que partilham o mundo, e em que, por outro, surgem as primeiras obras de Mounier, obras que explicitam e desenvolvem as premissas doutrinárias da revolução: seja a própria *Révolution Personnaliste et Communautaire* (1935) ⁽²⁾, seja *De la Propriété capitaliste à la Propriété humaine* (1936) ⁽³⁾, seja o *Manifeste au service du Personnalisme* (1937) ⁽⁴⁾. Nessas obras está o que Ricoeur designa por *matriz filosófica* ⁽⁵⁾, ou seja, o material para a elaboração de um pensamento filosófico. Mas se essas obras cumprem aquele plano de meditação que já em 1933 Mounier apontava como devendo alimentar

(1) Recordemos, em rápida passagem, alguns dos acontecimentos desses anos que *Esprit* mais de perto acompanhou: a guerra da Abissínia, a Frente Popular em França em 1936, as primeiras perseguições aos judeus, a Guerra de Espanha, que aproximou de novo Maritain da revista, o *Anschluss*, a invasão da Checoslováquia, Munique finalmente, com a sua corajosa denúncia do que se preparara, que veio a provocar mais uma cisão e o abandono de alguns colaboradores. Entre os nomes mais constantes deste período temos: Henri Davenson, Jean Lacroix, Landsberg, Berdiaeff, Jacques Le-francq, etc.

(2) *Révolution personnaliste et communautaire*, Paris. Ed. Montaigne. Aubier, 1935.

(3) *De la Propriété capitaliste à la Propriété humaine*, Ed. Desclée de Brouwer, Paris, 1936.

(4) *Manifeste au Service du Personnalisme*. Aubier, Ed. Montaigne, Paris, 1936.

(5) Paul Ricoeur, art. cit. in *Esprit*, Dez. de 1950, p. 863.

toda a acção sob pena de *perder a própria alma e a dos outros* (1), vivem sobretudo dessa acção, que febrilmente acompanham, abrindo caminhos, apontando direcções, tentando outras, umas vezes caòticamente, outras com exagerado pendó sistematizante, mas sempre tensas, sempre presentes, sempre abertas a uma larga e por vezes insuspeitada fecundidade.

É também nesse período que leituras de Max Scheler e a influência de Landsberg orientam cada vez mais Mounier para essa filosofia do *compromisso*, de que sempre se reclamara. Compromisso que se reflecte desde a sua vida de cristão (numa exigência de que são reflexo artigos tão densos como *Confessions pour nous autres, Chrétiens* (2) ou *Y-a-t-il une politique chrétienne?* (3) e, sobretudo, no *Court traité du catholicisme ondoyant* (4), até às mais persistentes reclamações político-sociais — *Court traité de la mythique de gauche* (5), *Comment le fascisme vient aux nations* (6), marcos de um pensamento cada dia mais nítido, que nos acontecimentos do mundo exterior se encontra em vocação dia a dia realizada.

(1) Mounier *et sa génération*, p. 132 (Carta a Georges Izard, de 6 de Setembro de 1933).

(2) *Confession pour nous autres, chrétiens* in *Esprit* n.º 6, Março de 1933, p. 873-896. Este artigo encontra-se também no volume *Révolution Personnaliste et Communautaire*, p. 328-356.

(3) *Y-a-t-il une politique chrétienne?* in *Esprit*, Junho de 1934, p. 485-499. Este artigo encontra-se ainda nos volumes *Révolution Personnaliste et Communautaire*, p. 357-374 e *Les Certitudes Difficiles*, p. 48-62.

(4) *Court traité du catholicisme ondoyant*, in *Esprit*, Novembro de 1937, p. 282-314. Mais tarde foi publicado em volume in *Feu la Chrétienté*, p. 27-64.

(5) *Court traité de la mythique de Gauche*, in *Esprit*, Março de 1918, p. 873-920. Mais tarde publicado in *Les Certitudes Difficiles*, p. 78-131.

(6) *Comment le fascisme vient aux nations*, in *Esprit*, Setembro de 1938, p. 645-665.

A guerra vai ser a próxima grande e decisiva fase da vida de Mounier. Logo mobilizado, consegue, no entanto, manter a revista até à data do armistício, instalando-se depois em Lião, na chamada zona livre, preparado para um duro combate com a censura, que só termina com a proibição de *Esprit* em Agosto de 1941. No mesmo dia — o dia 20 de Agosto — Mounier escreve no seu diário:

Quando voltei de Uriage já cá estava esse delicioso papelinho: Esprit foi proibido. Há quinze dias que se falava nisto. Em Uriage, Schaeffer quase mo confirmara. Os Temps Nouveaux (1) foram proibidos ao mesmo tempo. Acertam em cheio.

Nem sombras de tristeza ou de amargura. Tudo se passou como eu tinha previsto, como eu tinha querido. Durou, somente, mais seis meses do que eu pensava. Com estes números que se seguiram ao armistício, consegui os meus dois fins: manter uma fidelidade, tão clara e tão longamente quanto possível, aguentando os ânimos, e fazer a ponte com a nova geração dos vinte e dos vinte e cinco anos. Essa ponte está tão segura que tenho a certeza de que em muitos pontos o escândalo vai ser grande. Nunca senti o Esprit tão presente, tão forte, tão vivo, como neste dia em que eles pensam que o destruíram. Sinto uma nova força, que me vem de tudo isto. Finalmente, vamos poder deixar de jalar durante algum tempo, renovar-nos e renovar as nossas palavras, deixar esquecer as fórmulas antes de as fazer reviver. E não duvido de que ao terceiro dia ressuscitará dos mortos, sob a forma que Deus quiser... (2)

(1) Jornal católico que aparecia na zona livre, e era dirigido por Stanislas Fumet (nota pág. 304 do volume *Mounier et sa Génération*).

(2) *Op. cit.* p. 304.

Cinco dias mais tarde em carta a seus pais:

É para mim uma grande e pura alegria não estar do lado da cobardia, ser consagrado por um papel oficial irmão de todos os inocentes que sofrem pela sua fé nos campos de concentração, de todos os que podem andar de cara levantada, sem medo... (1)

Assim terminou um agitado combate que Mounier sustentou febrilmente, e acochado por dúvidas sobre a validade de uma acção em que muitos viam, pelo simples facto da continuidade da revista, um compromisso com o regime de Vichy. Nessas horas sombrias em que tantos chegaram a pôr em causa fidelidades já muito duramente provadas e em que quase todos se interrogaram sobre a razão de um combate que parecia não levar a parte alguma, Mounier, afirmando desde a primeira hora o seu horror a qualquer espírito de conciliação entre o que por natureza não era conciliável, e proclamando o seu desejo de *no Esprit, fora do Esprit, trabalhar em todos os pontos onde penso poder armar a alma francesa contra a contaminação nazi (2)*, recusa calar-se em nome de pretensos interesses políticos, a renunciar enquanto não forçado a isso, porque continua a sentir na revista a fidelidade integral a essa vocação, uma vez mais afirmada, de *homem de contacto, de meditação, de diálogo, que sente a pesada responsabilidade da sua meditação entre os homens e que só a quer prosseguir numa comunicação e num serviço permanente (3)*.

(1) *Op. cit.* p. 305.

(2) Carta a Georges Zérapha de 9 de Março de 1941, *op. cit.* p. 288.

(3) *Mounier et sa génération*, p. 292 (de uma página do diário de 30 de Março de 1941).

Esse período é sem dúvida o mais trágico da vida de Mounier. A tantos motivos de tortura moral juntam-se a doença de sua filha Françoise, cujo estado se agrava em poucos meses não deixando, em breve, qualquer esperança, e as mais penosas dificuldades materiais (1). É bem no meio de tudo isto que a excepcional ténpera do homem e do cristão se afirmam de impressionante forma. Que se leiam essas admiráveis cartas a sua mulher (2), e se veja como o sofrimento é transmutado em fonte de esperança, como o indelével sentido da Dor que a encarnação comporta vai conferindo a Mounier uma cada vez mais ampla estatura. De novo nos detenhamos para olhar para uma página do seu diário:

Presença de Françoise. História da nossa filha Françoise que vai deslizando para dias sem história.

A primeira coisa que tivemos que aprender foi a ultrapassar uma psicologia de catástrofe. Foi todo um milagre que se desfez, uma maravilhosa promessa que desapareceu por detrás da frágil porta de um sorriso que não mais veremos, de um olhar vago, de uma mão sem projectos. Não posso pensar, de modo algum, que tudo tenha acontecido por acaso, por acidente. «Aconteceu-nos uma grande desgraça». Alguma coisa

(1) No número do *Esprit* dedicado a Mounier, Emmanuel Rais escreve: «Vi os Mouniers (em 1941) em condições de pobreza que se não podem imaginar... Nessa época em que tantas pessoas dignas perdiam a coragem, os Mouniers permaneciam, humildes, mas de pé e cal nos seus postos. Quando os vi foi a primeira vez que tive esperança. Esse casal pobre, arrasado, longe de tudo e todos, combatia, continuava a combater contra os senhores do momento, e compreendi que nada os faria deter» (p. 1017).

(2) Essas cartas, escritas a quando da doença de Françoise, constituem o primeiro dos apêndices a este capítulo.

aconteceu, alguma coisa grande, mas não foi uma desgraça. Não fizemos sermões um ao outro. A única coisa que havia a fazer era calarmo-nos perante este novo mistério, que pouco a pouco nos ia enchendo de alegria. Lembro-me de quando vinha de licença, a Dreux, a Arcachon, lembro-me da angústia da última vez... Fui-me aproximando dessa cama pequena, donde não vinha nenhum som, como de um altar, de um qualquer lugar sagrado donde Deus me falasse por sinais. Uma tristeza muito, muito funda, mas leve e transfigurada. E quando cheguei ao pé dela, não sei de outra palavra do que adoração. Nunca consegui rezar com tanta intensidade como nessa altura, quando com a mão ia dizendo coisas a essa testa que nada respondia, quando olhava para esses olhos distraídos, que, longe, muito longe de mim, levavam qualquer coisa que se parecesse com um olhar, que olhasse muito melhor do que ele. Mistério que só pode vir de uma bondade que nos escapa, ia a dizer: uma graça demasiado pesada. Hóstia viva no meio de nós, muda como a hóstia, como ela resplandecente. Nestes últimos dias tenho relido Bremond. Se toda a verdadeira oração assenta na morte das forças sensíveis, intelectuais, voluntárias, se a alma da criança baptizada, como escreveu um autor espiritual qualquer, inicia no momento do baptismo um contacto directo com a vida divina, que coisas espantosas se não escondem neste pequeno ser que nada sabe exprimir aos homens? Para ficar assim, desejámos nós durante meses, era melhor morrer. Não será isto sentimentalismo burguês? Que sentido tem para ela a expressão: ser infeliz? Quem é que pode garantir que ela o é? Quem sabe se não nos foi pedido que guardássemos e adorássemos uma hóstia que veio ao meio de nós, sem esquecer a presença divina para lá duma matéria cega? Françoise é para mim a imagem da fé. Aqui só a conhecemos em enigma, como que vista por um espelho...

(...) *Em tudo isto a nossa «infelicidade» era uma espécie de coisa evidente, tinha uma familiaridade confortante, ou, para usar uma palavra melhor, comprometedora: um apelo que vinha de uma fatalidade...*

Mas havia a guerra que a submergiu na grande miséria comum. Assim envolvida, o peso parecia menor. A guerra deu a Paulette⁽¹⁾ os mais atrozes momentos de solidão e de angústia em Setembro e em Abril. Mas, apesar de tudo isso, curou-nos da doença da Françoise. Tantas outras inocências despedaçadas, esmagadas. Essa criança dia a dia imolada era a nossa presença no horror destes tempos. Não podemos só escrever livros. É preciso que a vida nos venha arrancar periodicamente a esta fraude do pensamento, do pensamento que vive à custa dos actos e das capacidades dos outros.

Agora que a ameaça de Abril desapareceu, agora que parece que isto se vai prolongar, sentimos uma nova história intervir no nosso diálogo contigo, Françoise. Resistir às formas fáceis da paz concluída com o destino, continuarmos teu pai e tua mãe, não te abandonarmos à nossa resignação, não nos habituarmos à tua ausência, ao teu milagre. Dar-te o teu pão de cada dia de amor e de presença, prosseguir a oração que és, alimentar a nossa dor, que é a porta da tua presença, ficar contigo.

Talvez se nos deva invejar esta paternidade indecisa, este diálogo inexprimido, mais belo do que as habituais brincadeiras⁽²⁾.

É talvez neste período que é preciso procurar o ponto de passagem para o novo tom que as obras dos anos que seguem vão introduzir. É daqui que Mounier parte para o abandono

(1) Paulette Mounier-Leclercq, com quem casara a 20 de Julho de 1935.

(2) Mounier *et sa génération* p. 262-263 (28 de Agosto de 1940).

de fórmulas que nos podem parecer simplistas ou gratuitas, revolucionárias (no sentido não personalista da palavra), mesmo pouco amadurecidas, e fruto apaixonado de uma acção intensamente assumida, para arrancar de uma acção não menos intensamente assumida, mas de uma maturação a que só uma experiência como a sua acede, as obras mestras do seu pensamento: o *Traité du Caractère* ⁽¹⁾ e *L'Affrontement Chrétien* ⁽²⁾, visões a um tempo mais densas e mais universais, mais fundamentadas e mais comprometidas do mistério da comunicação entre pessoas humanas e da não menos misteriosa força a que se medem e se perfazem todos os combates em lucidez travados.

Antes, teria lugar ainda, para, segundo as próprias palavras de Mounier, uma humanização total ⁽³⁾, a sua passagem pela prisão.

Em seguida à proibição do *Esprit*, Mounier colaborou num dos grupos da Resistência e foi preso em Janeiro de 42. Os meses de Janeiro a Maio passaram-se alternadamente em períodos de prisão e de liberdade. Com efeito, libertado em Março, volta a ser preso em Maio sem motivo determinado. Por essa razão, e no intuito de forçar uma decisão do governo de Vichy, Mounier decide iniciar com alguns companheiros uma greve da fome que se prolonga por doze dias, terminando com a vitória de Mounier e dos seus amigos. A 30 de Junho a ordem de prisão era levantada, embora os presos, conduzidos a Lião, tivessem aí que aguardar na prisão de St. Paul o julgamento, que termina pela absolvição de Mounier por falta de provas. O que foram esses doze dias, Mounier no-lo deixou

(1) *Traité du Caractère*, Col. *Esprit*, Ed. du Seuil, Paris, 1946.

(2) *L'Affrontement Chrétien*, *Les Cahiers du Rhône*, Ed. de la Baconnière, Neuchâtel, 1944.

(3) Vide Apêndice II a este capítulo.

dito nessas impressionantes páginas que constituem o *Diário de um acto frágil* (1). Depois do julgamento, e temendo, a quando da entrada das tropas alemãs na zona livre, uma nova prisão, Mounier retira-se para a pequena aldeia de Dieulefit, nos Alpes, onde passa a residir, permanentemente, nesses dois último anos de ocupação alemã em França.

III

Em Dieulefit trabalha intensamente (leituras dos Padres Gregos, de S. João da Cruz, de S. Francisco de Sales), em Dieulefit termina as duas obras já referidas: o *Traité du Caractère* e *L'Affrontement Chrétien*, que começara durante as suas prisões. São porventura, como dissemos, as duas obras mais importantes: uma, esse trabalho de dimensões colossais em que procurou, segundo as suas próprias palavras na introdução, não só tratar do homem mas combater pelo homem, síntese e coroação de todas as suas meditações sobre a *eminente dignidade* da pessoa humana; a outra, o seu mais violento livro, sobretudo uma obra de combate, uma chamada de urgência às energias de uma cristandade adormecida, um apaixonado diálogo com Nietzsche, leitura fundamental dessa época, e cujas críticas lhe pareciam as mais sérias feitas ao Cristianismo. No *Traité du Caractère*, Mounier abordava temas implícitos em suas anteriores meditações, de uma forma mais ordenada e mais fundamentada, sem ceder, por isso, ao compêndio, sequer à estrutura clássica de uma obra daquele

(1) A integral tradução deste texto lê-se no Apêndice II a este capítulo.

tipo; é ainda um livro de combate, mas que pressupõe uma larga informação e uma sólida cultura. Em *L'Affrontement Chrétien* é o vivo sentido de um Cristianismo purificado, o Cristianismo que está na base da sua vida, que se encontra com as críticas de Nietzsche para as sustentar por dentro e ir ao fundo dessa violência que é uma das mais válidas características do filósofo de Sils-Maria, para a fundir, não para a baptizar ou recriar, com o preceito evangélico. Importa unir a amplidão revolucionária e a aventura individual, e para tanto só talvez o Cristianismo tenha suficiente e largo o gesto ⁽¹⁾. É com este largo gesto de um cristão que o sofrimento levou às últimas consequências da sua fé, que Mounier se lança a essa dupla tarefa. Que uma esteja de mais perto ligada ao mistério da aventura individual e a outra nos traga com mais intensidade os acentos da amplidão revolucionária, eis o que, nos não permitindo distanciá-las, antes as une de mais perto na renovada dimensão conferida.

Esses anos servirão também a Mounier para os primeiros estudos de obras significativas dos filósofos da existência; para o aprofundamento de um Nietzsche, um Kierkegaard, um Montalembert (de quem publicará uma antologia de textos imediatamente após a guerra) e será também a época das belíssimas cartas a seus pais ⁽²⁾, reveladoras de uma muito delicada humanização. Ao mesmo tempo, fundo, o sentimento duma maturidade, tão bem expresso nesta carta a Jacques Lefrancq:

...Sinto-me ao mesmo tempo envelhecido — por exemplo, é-me fisicamente impossível escrever agora: «nós os novos»,

⁽¹⁾ *L'Affrontement Chrétien*, p. 101. Vide Apêndice II ao cap. III.

⁽²⁾ Vide Apêndice III a este capítulo.

e falar num certo tom — e, por outro lado, é como se esta ponte lançada para lá do tempo, por cima da curva dos 35 anos, me tivesse impedido definitivamente de cortar as amarras que me prendem à adolescência, porque me fecharam os olhos e me ocuparam o coração quando passava a fronteira. É bom não se estar instalado no momento em que todos se instalam, é uma porta que se abre agora e que se não fecha mais. Não interessa nada saber o aspecto que tudo isto vai ter amanhã. Com certeza que Esprit, tal como o tínhamos pensado, Châtenay⁽¹⁾, tal como tínhamos imaginado... não renascerão mais intactos do que nós próprios. Mas tenho a certeza de que faremos uma espécie de Esprit, uma espécie de Châtenay..., porque duas ou três fidelidades é o mínimo que podemos pagar numa vida. Penso muito nisso, pensamos, Paullette e eu, enquanto passeamos pelos caminhos (o que se pode fazer mais nesta tumba?), mas com tanto respeito e amor por esses rostos desconhecidos que virão para o pé de nós, como para as continuidades que se nos impõem. Um dia, dizemos, com a experiência de uma casa muito cheia de idas e vindas, talvez seja melhor pensar em Châtenay como num mosteiro de cultura do que como na casa em que vivêssemos despreocupadamente; mas, acrescentamos, depois de ter roubado umas cerejas da cerejeira do proprietário, que talvez também seja melhor espreitar uma ou outra cratera em efervescência, para conservar a juventude à proa, com a eternidade na popa...⁽²⁾

(1) Châtenay era o local que Mounier e alguns dos seus amigos — entre os quais Jacques Lefrancq — tinham escolhido para a construção de um centro *Esprit*, que servisse ao mesmo tempo de residência, de escola e de centro de trabalhos. A guerra veio impedir este projecto, a que Mounier estava particularmente afeiçoado, e que só muito mais tarde e com outros amigos se veio a realizar.

(2) De 20 de Maio de 1943. In *Mounier et sa génération*, p. 371-372.

Mas o seu sentido de acção também se não perde nestes anos e mais do que nunca Mounier está atento aos perigos que todo o isolamento, todo o recuo pode implicar. Trabalhando como *um selvagem, a quem tivessem autorizado a voltar para a floresta e a abater árvores à direita e à esquerda* (1), descobrindo Sartre com *L'Être et le Néant*, recém-publicado, dando uma *importância de símbolo (...) a uma espécie de reflexão sobre o absurdo, de um jovem internado num sanatório, Camus* (2), o seu pensamento mais constante é para o dia cada vez mais próximo em que se pudesse voltar a falar, a escrever, a agir. Para o dia em que se *partisse para novas margens* (3).

É assim que, saindo de Dieulefit mal chega a notícia da libertação, está em Paris em Setembro de 44, para que *Esprit* reapareça em Dezembro desse ano, seis meses antes de qualquer outra revista.

IV

Entramos na última fase da vida de Mounier, os anos difíceis do após-guerra, a paz que nunca o foi. O desenvolvimento do capitalismo e do comunismo, a tensão crescente entre os dois blocos, a continuação da desordem e da violência, um pouco ou muito por toda a parte, o fim da *pausa dos fascismos*, a derrocada dos impérios coloniais inglês e francês, a Cortina de Ferro, o Pacto do Atlântico, as experiências atómi-

(1) Carta a Jacques Lefrancq de 21 de Novembro de 1943, *op. cit.*, p. 378.

(2) Na mesma carta, *op. cit.*, p. 377.

(3) Carta a Daniel Villey de 21 de Maio de 1944, *op. cit.*, p. 382.

cas, vão ser agora os acontecimentos *nossos mestres interiores* e sem os quais é impossível compreender a evolução do pensamento de Mounier nestes anos. Dum tal mundo, uns arrancavam profecias de desespero e multiplicavam doutrinas do absurdo, outros tentavam construir esperançados um mundo que, por muito se desejar renovado, nem por isso deixava de arrastar consigo as impurezas do velho. Existencialismo, marxismo. O personalismo de Mounier não surge — agora menos do que nunca — como uma terceira força ou uma ecléctica solução, antes se encontra nessa procura de um diálogo com ambas as posições, vigilante a tudo o que por dentro as enfraquecia, lutando pelas suas inegáveis grandezas. É o destino dos anos próximos — escreveu na *Introduction aux Existencialismes — reconciliar Marx e Kierkegaard* (1). É desse espírito que são já fruto as suas obras de 46, quer a *Introduction aux Existencialismes* (2), quer esse resumo das suas meditações sobre a liberdade a que foi dado o título de *Liberté sous conditions* (3). Do mesmo ano, a publicação do *Traité du Caractère*.

Diálogo com o existencialismo, diálogo com o marxismo. Muito da actividade de Mounier nestes últimos anos cabe sob estes títulos. Sem nunca sacrificar à moda ou ao snobismo que acompanhou qualquer dessas duas correntes, Mounier vê nelas a imagem e a luta do mundo que passa. O seu diálogo com os comunistas é neste ponto particularmente elucidativo. Intransigente ao plano dos princípios, denunciando com o vigor de sempre as aberrações do pensamento marxista, não ignora nem esquece a imensa esperança que, nesses agitados

(1) *Introduction a los Existencialismos*, trad. esp., p. 96.

(2) *Introduction aux Existencialismes*. Ed. Denoel, Paris, 1946.

(3) *Liberté sous conditions*. Col. *Esprit*. Paris. Ed. du Seuil, 1946.

anos, o acompanhava. E sabe — como o afirma já numa resposta a um inquérito em 1947 — que:

Seria demasiado cómodo se o comunismo fosse o Anti-Cristo. O comunismo contém elementos anticristicos, mas contém também, e essa é a sua misteriosa carga, uma parte do Reino de Deus. O seu papel é sem dúvida o de apressar a vinda do Reino, chicoteando os fariseus e renovando a massa dos fiéis. Mesmo que venha a desaparecer da história, cumpriu o seu papel, no seu tempo e no seu lugar. Semelhante à sinagoga cega, colabora naquilo que recusa. Não foi por acaso que Hitler escolheu como principais inimigos, solidariamente, os comunistas e os judeus, e que o ódio dos burgueses ainda os reúne tão frequentemente. Comunistas e judeus suportam hoje, sem o saberem, uma Redenção que se recusam ambos a reconhecer, mas na qual participam com evidência, uns pelo seu martírio, os outros ao retomarem o velho sentido hebraico da cólera e da justiça. E quando Hitler lhes juntava, nos mesmos campos e nos mesmos crematórios, os cristãos, reunia a solidariedade para sempre inalienável dos três actuais combatentes da história sacra... (1)

Recusando sempre reunir-se aos fariseus do anti-comunismo, o pensamento de Mounier torna-se nestes últimos anos — e mais do que nunca — social, no sentido mais lato do termo, no sentido em que mais do que nunca se aproxima da imensa multidão dos que sofrem, dos únicos que não estão contaminados pela desvirtuação burguesa, e sabe que só com eles e nesse grande impulso comunitário onde o *outro* é sentido como próximo, a noção e a dignidade da pessoa por que sempre se bateu poderá ser construída.

(1) *Feu la Chrétienté*, p. 131.

Vai ser esse o combate que Mounier e *Esprit* — identificação sempre possível — irão agora travar. Combate que passa pelos acontecimentos de Praga e pelo julgamento do Cardeal Primaz da Hungria, pelo movimento cristão progressista e pela condenação do mesmo pelo Santo Ofício. E é na mesma medida em que se recusa a qualquer pacto com o comunismo, a qualquer confusão no plano temporal ou espiritual⁽¹⁾, que se torna mais saliente o seu desejo de inquietar, de impedir a boa consciência onde quer que ela se encontre, de despertar sempre novos problemas e novas tomadas de posição, numa palavra, é nessa medida que Mounier mais se realiza na sua fundamental vocação de educador.

Anos, também, de uma actividade múltipla, quer em viagens que o levam da África Equatorial Francesa aos países nórdicos, quer em conferências e artigos, quer participando nos mais importantes debates; presente nos *Rencontres Internationales de Genève*, na Semana dos Intelectuais Católicos, organizando os mais rebarbativos números do *Esprit*, a sua presença reveste-se de uma cada vez maior acuidade e a sua influência vai-se alargando a todos os meios e a quase todos os países, ajudando a despertar novas e exigentes vocações, renovando — sobretudo entre os cristãos — um sentido comunitário e um espírito de combate em tantos e tantos adormecido. Surgem, agora, ainda, as suas últimas obras destinadas a precisar pontos de vista essenciais, por vezes a despertar novos e prementes problemas. De 1947 é o *Qu'est-ce que le Personnalisme?*⁽²⁾, importante revisão das suas principais coordenadas e das relações deste com o marxismo, o existencialismo e, em outro ângulo, com o cristianismo. Do fim de 49,

(1) São particularmente elucidativas as suas polémicas com os cristãos progressistas ou, no polo oposto, com o Padre Fessard. Veja-se também o Apêndice III ao cap. IV

(2) *Qu'est-ce que le personnalisme?*, Col. *Esprit*. Ed. de Seuil, Paris, 1947.

meses antes da sua morte, o pequeno e curioso volume da colecção *Que-sais-je? O Personalismo* (1), última síntese sobre os temas de sempre, *apresentação* — como escrevemos no prefácio para a tradução portuguesa desta obra — *em plena elaboração e em plena vida de uma filosofia que escapa a todas as sistematizações, exactamente porque assenta na pessoa que é livre e sempre imprevisível* (2).

Entre estas duas obras tivemos *La Petite peur du XXème Siècle* (1948) (3), meditação sobre o progresso e o tecnicismo, *interacção de uma teologia bíblica e de uma filosofia profana da História* (Ricoeur) (4) e o seu diário de África *L'Éveil de l'Afrique Noire* (5), do mesmo ano, caminho para um humanismo cada vez mais aberto e mais enraizado.

No ano da sua morte, começam também a aparecer os *Carnets de Route*, onde melhor e mais documentadamente podemos apreciar a admirável continuidade do seu pensamento, e a sua íntima evolução. *Feu la Chrétienté*, foi o título do primeiro (1950) (6), e nos quinze anos que por essas páginas perpassam desenrola-se igualmente a bela permanência dum combate de muitos dias e muitas horas na Caridade e na Paciência de Cristo. O que se segue, serve de curta introdução às páginas desse livro:

(1) *Le Personalisme*, Col. «Que sais-je?», Presses Universitaires de France, Paris, 1949. Esta é a única obra de Mounier que se pode ler em português, em tradução nossa para a Liv. Morais Editora, Lisboa, 1960.

(2) *O Personalismo*, trad. port. p. 8.

(3) *La Petite Peur du XXème siècle*, «Les Cahiers de Rhône». Ed. de la Baconnière, Neuchâtel, 1948.

(4) Paul Ricoeur, *Une Philosophie Personnaliste* in *Esprit*, Dez. de 1950, p. 876.

(5) *L'Éveil de l'Afrique Noire*, Col. *Esprit*. Ed. du Seuil, Paris, 1948.

(6) *Feu la Chrétienté* (*Carnets de Route*, I), Col. *Esprit*, Ed. du Seuil, Paris, 1950.

A geração cristã que se seguiu à guerra de 14-18, finalmente instalada na democracia burguesa europeia (exactamente na altura em que esta começava a agonizar) partiu à conquista da sua época pelos caminhos tradicionais: mais adesões, mais organismos, mais poder. Aparentemente este esforço generoso e extraviado dava os seus resultados vinte anos mais tarde, com o regresso das elites, o surto da Acção Católica, a subida ao poder dos partidos democratas cristãos. Os homens de setenta e cinco anos recordam a sua difícil juventude e cantam vitória.

Será preciso representar o papel de Cassandra? Nem isso. Para sermos capazes de olhar irónicamente este espírito de recrutamento e de instalação, basta abrir um qualquer semanário cristão e ler que todos os anos o mundo não-cristão ganha umas centenas de milhares de almas ao mundo que se chama cristão. Basta medir a amplidão das grandes forças modernas pelas pequenas combinações clerico-parlamentares. Por toda parte o cristianismo que se queria instalar é repellido para o seu drama essencial, para a sua condição natal: peregrinação, fraqueza e pobreza.

Um pouco por toda a parte, mas principalmente em França, alguns cristãos tomam consciência depois dos grandes movimentos deste século impiedoso, de uma lição que largamente o ultrapassa. Redescobrem, às apalpadelas, a própria natureza, a paradoxal natureza do Reino, desarmado e triunfante, inatingível e enraizado. Às apalpadelas; este livro não dogmatiza; os seus capítulos, propositadamente datados, repartem-se ao longo de quinze anos. Mais não pretende ser do que um ponto de referência, ao lado de tantos outros, de uma procura que só aparecerá à sua luz definitiva, quando essa mesma luz for já completamente inútil (1).

(1) *Feu La Chrétienté*, p. 7-8.

Já depois da sua morte mais dois volumes dos *Cahiers de Route* foram publicados: *Les Certitudes Difficiles* (1), onde estão reunidos os seus mais importantes escritos de ordem política, na mais larga acepção deste termo, e *L'Espoir des Désespérés* (2) (1953), que compreende os quatro notáveis ensaios sobre Malraux, Camus, Sartre e Bernanos, funda tentativa para uma compreensão a partir — uma vez mais — do confronto de vocações e da possibilidade de fecundo diálogo entre elas.

Em Agosto de 1949, Emmanuel Mounier sofria uma primeira crise cardíaca. A 5 de Setembro escrevia a Jean-Marie Domenach: *foi uma espécie de break-down* (3). Depressa se restabeleceu e depressa retomou a sua constante actividade. A 4 de Outubro, dia de S. Francisco, morria em Bruxelas Jacques Lefrancq, a única amizade que comparou à de Georges Barthélémy (4). Dias depois dizia em carta a Maxime Chataing:

Não sei se conhecestes o Jacques Lefrancq. Morreu depois da vida mais franciscana (e uma das mais dolorosas) que

(1) *Les Certitudes Difficiles*, Col. *Esprit*, Ed. du Seuil, Paris, 1951. (Carnets du Route, II).

(2) *L'Espoir des Désespérés*. (Carnets du Route, III), Col. *Esprit*, Ed. du Seuil, Paris, 1953.

(3) *Mounier et sa génération*, p. 403.

(4) Em 17 de Março de 1933, Mounier escrevia a Paulette Leclercq: «Depois da morte do Georges, foi com Jacques a primeira vez que senti a possibilidade de uma amizade inteiramente *minha*. Não, unicamente, uma coisa de homem a homem (aliás a atmosfera entre homens com tudo o que isso implica de separado, de profissional, de desumano foi-me sempre odiosa). A amizade de um homem por outro homem deve guardar uma certa ternura, exactamente como o amor, que não é forte, não tem uma qualidade especial, se não for penetrado pela amizade...».

conheci, precisamente no dia 4 de Outubro. Estive com ele as últimas quarenta e oito horas, até ele morrer. Que coisa tão simples e tão bonita que é a morte! (1)

E em 9 de Novembro:

O que tu me dizes do Jacques comoveu-me muito. Conheci São Francisco: não era santo, mas havia nele uma certa santidade e nunca conheci ninguém tão franciscano como ele. Era um irmão. A morte parece-me fraternal, agora que estive junto dela durante dois dias, à sua cabeceira (2).

E foi a 22 de Março de 1950, pelas 3 horas da manhã, que uma nova crise cardíaca o vitimou.

Ninguém sabe nada acerca de Emmanuel Mounier — escreveu o Padre Depierre — se não souber acima de tudo isto: nunca quis ser, nunca pretendeu ser, tenazmente, teimosamente, mais do que um simples operário no meio de milhões de outros operários (3). Com estas justas palavras nos cerramos, cerrando o que sobre uma existência dada em espectáculo ao mundo, aos Anjos e aos homens (I Cor., 4, 9) pode ser dito. Porque elas nos trazem a certa medida de um combate, a exacta razão para o qual, a simples e serena afirmação de uma rota e de uma finalidade.

(1) *Esprit*, Dezembro de 1950, p. 1060.

(2) *Ibid.*, p. 1060.

(3) P. André Depierre: *Ce témoin persévérant de Dieu* in *Esprit*, Dez. de 1950, p. 905.

I N D I C E

	<i>Pág.</i>
Algumas considerações pré-introdutórias	7
INTRODUÇÃO — <i>PRESENÇA DE EMMANUEL MOUNIER</i>	15
CAPÍTULO I — <i>UMA VIDA DE HOMEM</i>	21
APÊNDICE I — Cartas de Emmanuel Mounier para Paulette Mounier	55
APÊNDICE II — Diário da Prisão e da Greve da Fome	63
APÊNDICE III — Cartas de Emmanuel Mounier a seus pais	101
CAPÍTULO II — <i>OS CAMINHOS SEM RETORNO</i>	111
APÊNDICE I — A Traição dos Activos	149
APÊNDICE II — Resposta a Semprun	155
CAPÍTULO III — <i>O CONQUISTADOR LUCIDO</i>	169
APÊNDICE I — A Certeza da nossa Juventude	229
APÊNDICE II — Do Lado de Lá	239
APÊNDICE III — Fidelidade	253

CAPITULO IV—OS HOMENS DO DIA E OS HOMENS DA NOITE ...	261
APÊNDICE I—Excertos do relatório confidencial enviado a Mons. Courbe e ao Arcebispo de Paris	325
APÊNDICE II—O processo do Cardeal Mindszenty	347
APÊNDICE III—O Decreto do Santo Officio	361
APÊNDICE IV—A História Cristã	377
CONCLUSÃO	403
Um Homem que conservou a Fé	405

~~SA~~
 29342